

## **TENDA DO CONTO: UM ESPAÇO PARA A SUA HISTÓRIA NAS UNIDADES DE SAÚDE DA FAMÍLIA DE NATAL-RN**

**Maria Jacqueline Abrantes Gadelha<sup>1</sup>, Maria de Lourdes F. de Oliveira Freitas<sup>2</sup>, Josefa Barros<sup>2</sup>, Lucinalva Rodrigues<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Unidade de Saúde da Família do Panatis, Secretaria Municipal de Saúde de Natal Rua Rua das Pimenteiras, s/n, conjunto Panatis, Bairro Potengi CEP 59108320  
jacquelineabrantess@globo.com

<sup>2</sup>Unidade de Saúde da Família de Soledade I, Secretaria Municipal de Saúde de Natal Rua Santo Anópolis, s/n, soledade I, Potengi CEP 59120100  
lurdinhafreitas@globo.com

<sup>2</sup>Unidade de Saúde da Família do Panatis, Secretaria Municipal de Saúde de Natal

<sup>2</sup>Unidade de Saúde da Família do Panatis, Secretaria Municipal de Saúde de natal

### **Introdução e justificativa do trabalho para a humanização da saúde**

Na entrada, o lampião simboliza os fochos de luz que surgem durante os percursos das caminhadas de Adélia; o porta-retratos sobre a mesa exhibe a foto de família lembrando a saudade descrita por Florbela; os discos de vinil trazem as canções de Sandra.

No oratório, santa Rita de Cássia representa a fé de Severina no impossível; o rádio antigo remete-nos à história de Geraldo: quilômetros a pé para ouvir Luís Gonzaga na casa do compadre Antonio, que naquele tempo, era o único a ter um rádio nas redondezas. Tempo vivo (BOSI,2003) cultivado também na memória de Dalva que ensina às netas a arte de bordar transmitida pela mãe e nos conta como era o Panatis no passado.

Na mala, lembranças do que foi guardado ou escondido, do não dito ou de todas as viagens, para longe ou para perto, idas e vindas ou idas sem retornos.

A cadeira de balanço é pausa no cansaço; embala o corpo, acende a chama da memória e eleva o olhar para um espaço aberto no horizonte; faz do lugar alpendre ou calçada tranqüila onde todos são conhecidos; um lugar sem portas onde a intimidade sai de casa para namorar o mundo ao som de poesias e de canções. Assim é a tenda do conto. Na simplicidade dos objetos, histórias guardadas dos sujeitos.

A casa, as ruas, o bairro, o passado, a unidade de saúde, partes de cada lugar foram trazidos para a tenda, assim como retalhos das histórias de vida dos trabalhadores de saúde.

### **Metodologia**

A tenda do conto acontece mensalmente no Panatis e em Soledade I, unidade vizinha que se tornou parceira. Os agentes de saúde levam previamente os convites sempre orientando que os convidados devem levar algo que represente algum fato ou história vivida. Assim, um simples convite já mobiliza a família em torno da procura desse objeto, algo que já desencadeia diálogos acerca de experiências passadas, esquecidas ou não compartilhadas. Retalhos de diferentes cores e texturas, cada um ao seu modo, seguem compondo a tenda do conto.

No aparelho de som Patativa do Assaré nos convida a escutar: “seu doutô me dê licença prá minha história contar...” Trabalhadores e usuários começam a arrumar a “tenda”, que é, na verdade, a simulação de uma sala de estar à moda antiga montada no galpão da unidade de saúde. Uma mesa exhibe fotografias antigas, poemas, cartas, caixas de madeira, vasos, livros e muitos outros objetos trazidos pelos usuários. Uma colcha de retalhos confeccionada pelos agentes comunitários de saúde conta fragmentos de suas histórias; os discos de vinil decoram as paredes da sala e no centro deles estão registradas algumas frases ditas – pérolas delicadamente colhidas nos encontros anteriores. As cadeiras são postas em roda, mas uma delas, à frente da mesa, seduz mais intensamente os convidados: uma cadeira de balanço

cuidadosamente coberta por uma manta que aquecerá os contadores de histórias daquele dia; aqueles que são narradores e autores de sua própria história.

No final, avaliação do encontro e sugestões para o próximo. Entre abraços e aplausos nos despedimos ao som do violão, conscientes de que outra história está apenas começando.

### **Resultados e discussão**

Desfrutamos das companhias. Benjamin (1983) nos diz que quem escuta uma história está em companhia do narrador; nesse espaço aberto para histórias de vida, o investimento na saída do isolamento, a aposta no protagonismo; na resistência da cultura popular, nas revelações que surgem no encontro entre gerações, na influência da grupalidade sobre o indivíduo, na comunicação entre as singularidades. A tenda do conto nos surpreende sempre. Impossível prever o que vai acontecer no decorrer de cada encontro. Cada história traz consigo o poder de nos re-ligar ao universo da alma humana.

As equipes da Unidade de Saúde do Panatis e de Soledade I, região Norte de Natal, iniciaram este trabalho nas reuniões com os idosos, mas diante da presença de pessoas mais jovens, a tenda transformou-se em espaço aberto para todos e agora se faz itinerante visitando outras unidades do município e universidades.

No início, para realizarmos a tenda, contávamos apenas com a ajuda de alguns agentes de saúde. Posteriormente, o contato com a Redehumanizaus provocando encantamento pela Política Nacional de Humanização, impulsionou a construção da roda de conversa, estudos e reflexões, o que ocasionou uma participação significativa da equipe. Atualmente, muitas das histórias ouvidas na tenda são levadas para as rodas de estudos e subsidiam as discussões dos textos lidos.

### **Considerações Finais**

A tenda do conto vem constituindo um dispositivo junto aos trabalhadores que frequentemente se reportam às histórias das pessoas denotando que há outra dinâmica no momento das visitas domiciliares e dos atendimentos na unidade; há uma tentativa de desvencilhar-se do que imobiliza, uma desaprendizagem que estimula a formulação de novos problemas e oportunidades de saídas dos espaços tradicionais. A tenda do conto vem apontando para o início de algumas transformações referentes à adoção de práticas voltadas para a inclusão, a autonomia e o protagonismo dos sujeitos. Como novos retalhos na velha colcha, a produção de novas possibilidades, conexões, aproximações à cultura popular, à dinâmica familiar e às dificuldades; um mergulho na geografia dos afetos, como nos descreve Rolnik (1999), ao mesmo tempo em que são inventadas pontes de linguagem para a travessia.

### **Referências**

Benjamin, W. O narrador. In:Textos escolhidos.São Paulo: Câmara Brasileira do livro, 1983.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental. Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação liberdade, 1989.